



N A T A L

Natal! Grande bolo à mesa,
2 A árvore linda em festa.
O brilho da noite empresta
Regozijo ao coração...
E' como se a Natureza
Trouxesse Belém de novo
Para os júbilos do povo
Em doce fulguração.

Tudo é bênção que se enflora,
De envolta na melodia
Da luminosa alegria
Que te beija e segue além...

(*) Poetisa de fino talento e bela inspiração. A seu respeito, diz Enéas de Moura (Colet. Poetas Paul., pág. 97): «Começou seus estudos no Colégio Florence, de Jundiaí, e os terminou no Sion, de São Paulo. Colaborou na Revista Feminina; foi a criadora das crônicas sociais do

Mas se reparas, lá fora,
O quadro que tumultua,
Verás quem passa na rua
16 Sem ânimo e sem ninguém.

Contemplanças pequeninos
De faces agoniadas,
Pobres mães desesperadas,
Doentes em chaga e dor...
E, ajudando aos peregrinos
Da esperança quase morta,
Talvez enxergues à porta
O Mestre pedindo amor.

E' sim!... E' Jesus que volta
Entre os pedestres sem nome,
Dando pão a quem tem fome,
Luz às trevas, roupa aos nus!
Anjo dos Céus sem escolta,
Embora a expressão serena,
Tem nas mãos com que te acena
Os tristes sinais da cruz.

Natal! Reparte o carinho
Que te envolve a noite santa.
Veste, alimenta e levanta
O companheiro a chorar.

Correio Paulistano. Contista, escreveu na **Feira Literária**, e em 1921 estreava como romancista, publicando **Rosa Maria**. No Cemitério da Consolação, de S. Paulo, os filhos da poetisa erigiram-lhe um túmulo, onde gravaram o belíssimo soneto «Último Desejo», de autoria dela. (Amparo, Estado de São Paulo, 8 de Abril de 1887 — Rio de Janeiro, Gb, 21 de Maio de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: **Primeiro Vôo**; **Gorjeios**; **O Tutor de Célia**, contos; etc.

2. Leia-se com hiato: A/ ár/vo/re.
16. Cf. nota nº 2, pág. 36.

E, na glória do caminho
Dos teus gestos redentores,
Recorda por onde fores
Que o Cristo nasceu sem lar.

ESSE PEQUENO...

- Esse pequeno sòzinho,
À noite, no pó da estrada,
De roupa suja e rasgada,
44 Que passa pedindo pão,
E' um anjo pobre a caminho,
Sob inocente amargura...
Pássaro triste à procura
De ninho e consolação.
- Criança desconhecida...
50 Dormirá? Quem sabe onde?...
51 E' órfão?... Ninguém responde.
Aceita o que se lhe dê.
Quantas mágoas tem na vida,
Quanta miséria a consome,
55 Quanto anseio, quanta fome,
Ninguém sabe, ninguém vê...

- Nunca lhe atires ao lado
Qualquer palavra ferina...
Socorre, ampara, ilumina
Em nome do Eterno Bem,
Que esse menino exilado,
62 Sem lar e sem companhia,
63 Se o Céu quisesse podia
Ser teu filhinho também!

44. Aliteração em *p*.

50-51. Ler com hiato: *sa/be/ on/de* e *E/ ór/fão*.

55. Poliptoto: "Quantas.../Quanta.../ Quanto..."

62. Cf. nota n° 2, pág. 36.

63. "Se o Céu quisesse podia." Entenda-se: se a Espiritualidade Maior indicasse...

Encoraja-lhe a esperança,
Envolve-o no teu sorriso
E sentirás, de improviso,
A bênção de doce luz!
E' que no amor da criança,
Que te agradece o carinho,
Receberás, de mansinho,
A gratidão de Jesus!

NÃO JULGUES

Não julgues o companheiro
Por desumano e insensato
Porque te não busque o trato,
Nas rosas de teu jardim.
Entende, ampara primeiro...
Não digas, em contra-senso:
— "Decerto, isso é como eu penso,
Deve aquilo ser assim..."

Muita vez, quem vai ausente,
Do conforto que te afaga,
Mostra o peito aberto em chaga,
A golpes de provação.
E enquanto o céu te consente
A paz das horas seguras,
O pobre irmão que censuras
Traz fogo no coração.

De outras vezes, quem se isola,
Longe de falas e festas,
Não tem o mal que lhe emprestas,
Nem delibera fugir.
Apenas vive na escola
Do dever e da constância,
E se respira, a distância,
E' para melhor servir.

Não vasculhes lodo e jaça,
Mirando a alheia conduta.
Quase sempre há dor e luta
102 Onde vês passo infiel.
Frequentemente, na taça
Que aparenta vinho oculto,
O pranto cresce de vulto,
Tisnado de angústia e fel.

Se ensinas a caridade,
Ouve Jesus que nos chama!
Não guardes vinagre e lama
Sob a fé que te conduz.
Acende a luz da bondade,
Porquanto também um dia
Mendigarás simpatia
Nas sombras da própria cruz!

PERDOA

Recebe a provação de alma serena.
Desculpa todo golpe que te doa.
Guarda contigo a paz singela e boa,
Inda mesmo ante a voz que te condena.

Tudo no mundo é caridade plena.
A fonte beija a pedra que a magoa.
A estrela mostra o brilho na lagoa.
A rosa enfeita o acúleo que envenena.

A árvore esquece o vento que a desnuda.
A Terra inteira serve, humilde e muda.
A chuva desce ao bojo da cisterna...

102. Leia-se *in-fi-el*, com diérese.

Perdoa e quebrarás grilhões e algemas,
Buscando, enfim, as vastidões supremas
Para a glória do amor na vida eterna.

DESCULPA

Escuta serenamente
Quem te repele ou censura.
Há muito fel de amargura,
Em forma de maldição.
Às vezes quem te maltrata
Arrasta apenas consigo
Sede, fome e desabrigo
Por brasas no coração.

Quem te injuria e escarnece,
Na frase agressiva, azeda,
Em si sofre a labareda
Que verte do próprio mal.
Toda cólera é doença.
Aquele que se enraivece
Solicita o pão e a prece
Do socorro fraternal.

Muita gente cai nas trevas,
Por não achar, no caminho,
Brandura, silêncio e ninho,
No peito amigo de alguém.
Inda que ofensas te cubram
E lâminas te retalhem,
Que as tuas forças não falhem
Na força que espalha o bem.

Desculpa, constantemente,
O golpe, a pedrada, o insulto,
Apesar do pranto oculto,
Amargo, desolador!

- 155 Quem tolera e quem perdoa,
Embora de alma ferida,
Encontra, na própria vida,
O reino do Eterno Amor.

DEUS TE ABENÇOE

Deus te abençoe o gesto de carinho,
Alma da caridade, branda e pura,
Pela migalha de ventura
Aos tristes do caminho.

- Deus te abençoe a refeição sem nome
Que trazes, cada dia,
165 Aos cansados viajores da agonia
Que esmorecem de fome.

Deus te abençoe a roupa restaurada
Com que vestes, contente,
A penosa nudez de tanta gente
Que vagueia na estrada!...

Deus te abençoe a bolsa de esperança
Que abres, a sós, sem que ninguém te espreite,
Para a gota de leite
Destinada à criança...

Deus te abençoe o pano do lençol
Com que envolve, em doce cobertura,
Os enfermos que choram de amargura,
À distância do sol.

155. Cf. nota nº 2, pág. 36.

165. Ler *via-jo-res*, com sinérese.

Deus te abençoe, por onde fores,
E te conserve as luzes
Em que extingues, removes ou reduces
Os problemas, as lágrimas e as dores!

- 183 Deus te abençoe a fala humilde e santa,
184 Com que aplacas a ira
Da calúnia, do escárnio, da mentira,
Na frase que perdoa e que levanta.

Caridade, que o teu nome ressoe,
Pleno de amor profundo,
E por tudo o que fazes neste mundo,
Deus te guarde e abençoe!...



183. Note-se a mestria com que a poetisa se serve do cólon "Deus te abençoe...". — Cólon: "Expressão usada pelos preceptistas gregos para designar um MEMBRO MÉTRICO qualquer, repetido no poema sempre com as características métricas e rítmicas..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

184. Ler com hiato:

Com/ que a/pla/cas/ a/ i/ra.